

## NOMEAÇÃO DAS COISAS E FUNDAÇÃO DO SER - LINGUAGEM POÉTICA E REAL EM HEIDEGGER

*Eduardo Guerreiro Brito Losso / UFRJ*

Há várias teorizações do fenômeno poético vigorando atualmente. Seria muito difícil fornecer uma visão global da extrema diversidade e diferenças, muitas vezes sutis, entre cada uma, assim como entrever suas semelhanças, que poderiam levar a uma falsa síntese. Destacam-se tanto as que se posicionam diretamente como análises do texto poético em si mesmo, como as que analisam outro objeto de estudo (a psique, a política, o cotidiano, a cognição etc) e, ao transformarem a visão de tal objeto, automaticamente apontam para uma nova relação destes com a poesia. Como a grande variedade da produção poética enuncia sobre todos os elementos possíveis da existência – não somente "humana", mas, poderíamos dizer, ontológica – é válido dizer que toda contribuição interdisciplinar contribui, e mais, altera a leitura de um poema, e isso faz parte de um metabolismo inevitável da poética da poesia.

Este texto abordará, especificamente, a hermenêutica de Martin Heidegger.

Não há dúvida de que Heidegger se estabeleceu como um capítulo incontornável da história das idéias no século XX. Pode-se dizer que foi o último filósofo que permaneceu rigorosamente no interior da filosofia e a transformou definitivamente. É claro que existem centenas de trabalhos especificamente filosóficos, mas todos devotados à mera exegese dos grandes nomes da filosofia. Heidegger, todavia, como último grande nome por excelência, foi o derradeiro "pensador" do cânone filosófico, aquele que foi autorizado e que se autorizou a ocupar este lugar.

Sua reflexão sobre a poesia, que ocupa em seu pensamento um lugar dos mais privilegiados, foi muito debatida nas discussões propriamente filosóficas em relação à estética, teoria da arte e o estatuto filosófico da literatura. Apesar disso, foi pouco discutida, em toda a abrangência do que tem a oferecer, no domínio da teoria da poesia.

Para situar a importância desta interpretação, tentaremos fazer aqui uma breve classificação das tendências de análise da poesia para entender melhor onde que se pretende chegar. Tal classificação não deseja ser exaustiva nem exata: pretende apenas situar a relação do filósofo com três tipos de análise, omitindo várias outras que mereceriam citação se a intenção fosse se estender na história da poética contemporânea.

### Linguística, Heidegger e heideggerianismo

Na França, constata-se que a análise do texto poético assumiu duas tendências antitéticas: uma assentada no plano do imaginário, focalizando os simbolismos, praticando uma espécie de fenomenologia da imagem, cujo resultado mais influente pode ser visto na obra de Bachelard (onde se pensa a fundo sobre a prática da imaginação no devaneio poético); outra, a que se tornou dominante, foi a abordagem de influência linguística, que se apropriou desta disciplina que foi alçada a categoria de dita "ciência forte" das ciências humanas durante todo o reinado do estruturalismo, e de onde muitos retiraram princípios básicos para análises rigorosas<sup>1</sup>.

De Jakobson a Cohen e Riffaterre, a influência da linguística na semiótica francesa e, recentemente, na abordagem cognitiva anglo-saxã, foi a mais desenvolvida para a leitura da poesia. Na contracorrente das duas tendências, houve uma que procurou não cair na preponderância do imaginário nem exagerar na importância meramente material e semântica do signo linguístico, mas partir da intertextualidade do jogo de significantes às implicações mais filosóficas de sua operação de desconstrução: cabe aqui uma linhagem no percurso de Bataille, Blanchot a Derrida, Kristeva, Lacoue-Labarthe e outros. Foi essa vertente que mais se insuflou da potencialidade da ontologia heideggeriana e, é forçoso dizer, não se prende aos limites impostos pelas duas vertentes citadas.

No entanto, mesmo que se perceba a leitura de Heidegger, direta ou indiretamente, parece que sua crítica à metafísica, incluindo aí a epistemologia, a gramática, a retórica e o humanismo, é que foi o tópico mais visado, e não tanto a interpretação mesma do fenômeno poético feita numa parte considerável da obra.

O que se pretende discutir é o fato de a interpretação de Heidegger do texto poético ser completamente antagonista à linha linguística, e de tal forma que, mesmo onde sua influência se faz presente, percebe-se uma clara recusa daquilo que fundamenta esse antagonismo, a saber, a falta de distância, ou melhor, a aproximação entre linguagem e real no "ditado" poético.

Pelo fato de esse ponto crítico ter sido criticado e visto hoje como "superado", pouco se aproveitou dos conceitos que dele foram concebidos. Mesmo que nós assumamos uma postura crítica a esse problemático ponto de partida, produzimos esse texto com a intenção de entender melhor como essa ligação entre real e linguagem é articulada no texto heideggeriano. Portanto, não nos interessa aqui formular sua crítica, mas, simplesmente, pensar melhor as razões desse ponto crítico sem adotá-lo. Acreditamos ser essa a melhor atitude para não só entender o elemento rejeitado de um pensamento influente, mas dar subsídios para reconhecer em detalhe as causas dessa rejeição.

### Heidegger: a poesia nomeia as coisas

Partindo da lingüística apropriada por Jean Cohen, um poema organiza a significação do texto de uma forma necessariamente subversiva em relação à prosa e ainda mais ao se comparar com a fala. Mais do que a ficção, enquanto lugar de invenção narrativa, a poesia se distancia em demasia da realidade de seus referentes.

Esta reflexão, que lida com o vocábulo enquanto 'signo' – unidade de significação dividida entre significante e significado na visada lingüística saussureana, um afastado do outro pela arbitrariedade – leva a entender a poesia a partir de uma determinada visão da linguagem, propondo uma possível cientificidade para a compreensão de suas leis. A partir da lingüística, Cohen interroga a poesia buscando os "fundamentos do código poético"<sup>2</sup>, e como as significações patéticas da poesia são dependentes das palavras da língua, torna-se necessário procurar tal fundamento a partir das fronteiras da própria língua. Por isso ele vê um "duplo fundamento"<sup>3</sup> no conjunto dessas significações: no referente e no significante. A partir do referente, a poesia lida com sua "tripla origem": natural, cultural e social; e a partir do significante, pode-se estabelecer os jogos que se formam com o simbolismo fonético e com o paragramatismo.

Como se percebe, a presença das conquistas da lingüística constituem o grande embasamento do autor. Mas agora abordaremos um ponto de vista radicalmente diferente, realizado por um dos filósofos que mais se debruçaram sobre a poesia, justamente aquele que, inaugurando a ontologia existencial, pensou interrogar a essência da poesia.

Para começar com a grande diferença que se torna cabal ao comparar Heidegger com quaisquer tentativas teóricas contemporâneas pautadas no reconhecimento da lingüística como a ciência forte das disciplinas humanas – fenômeno bem característico dos anos 50 aos 80 e que hoje firmou raízes nos autores acima citados, mesmo contestado – muitas passagens indicam que Heidegger não reconhece os princípios fundamentais estabelecidos pela dita ciência da língua. A arbitrariedade do significante em relação ao significado é posta em jogo não só porque ele não leva em conta o conceito de língua como algo separado da linguagem, nem garante uma diferenciação precisa entre fala e língua, mas principalmente pelo fato de Heidegger não reconhecer, no âmago de sua reflexão, a *distância* entre o signo e o referente, servindo-se da poesia justamente para colocar que é ela que dá à existência solidez dentro do ser-do-ente. O ser-do-ente só se revela quando o Lógos se manifesta, só quando aqueles que dominam a palavra, os poetas e os pensadores, revelam o nexos intrínseco entre Lógos e Physis<sup>4</sup>.

Já nos adiantamos, mas com um propósito: expor de imediato um vocabulário completamente distinto daquele que foi trabalhado acima.

Não deixa de ser arriscado, nesse caso, igualar o ente heideggeriano ao referente da reflexão semiótica atual (Eco não deixa de perceber o "quanto é ambígua esta noção de referente"<sup>5</sup> no interior mesmo de cada teorização da semiótica). Aliás, aqui nos deparamos com esse risco: o conjunto da reflexão de uma corrente de pensamento filosófica dificilmente reflete equivalências de sentido com os termos de um corrente semiótica. Mas a discussão só é possível assumindo linhas de contato para delimitar as diferenças.

Assim, em *Introdução à metafísica*, não deixa de ser inevitável ler o *ente* (Seiende) como essa entidade que está fora da linguagem, mesmo que possua nela sua essência. O termo *referente* é usado como contrapartida pragmática de oposição ao recorte semiótico de um signo subordinado a uma rede de outros signos diferenciais, que ocupam função de significação<sup>6</sup>. O *ente*, diversamente, possui uma relação de contraposição com o *Ser*, ou seja, sua conceituação não funciona somente para análises da relação de linguagens semióticas com a realidade, mas para a relação com a sua própria essência. O ente é sempre comparado ao ser-do-ente:

- 1 - seu Ser é a chegada da coisa à presença: para a interpretação heideggeriana dos gregos, aquilo que determina sua entidade e que o distingue de seu não-ser,
- 2 - mas o ente em si mesmo, por outro lado, é aquilo que, em cada caso, é<sup>7</sup>.

Há aqui uma diferença entre a temporalidade de infinitivo do ser e sua atualidade presente no *é*.

Além disso, não se pode esquecer que Heidegger possui um largo pensamento sobre conceitos que lhe são vizinhos: coisa (Sache), utensílio (Zeugen), instrumento (Zeug), ser-à-mão (Zuhanden) e até questões que tem muito a dizer às reflexões lingüístico-semióticas onde ele se refere ao signo (Zeichen) e às referências (Verweisungen)<sup>8</sup>.

No entanto, deve-se explicitar que sua concepção de *signo* se define no uso instrumental da forma do mundo. O signo estabelece uma relação formal de referencialidade com o mundo para fazer com que ele se tematize, sabendo a empregabilidade de cada utensílio. Assim, os signos compõem, assinalando a referência a tudo o que está à mão, um complexo referencial que disponibiliza os elementos da natureza, de modo que ela é usada, mas esquecida em seu Ser enquanto potência de afloramento, força de crescimento de onde as coisas brotam (Physis).

Essa visada do signo torna patente que ele é dotado de uma função de codificação que é depreciada em favor de uma relação mais originária com a linguagem. Portanto, o signo, para Heidegger, está prenhe de valorações que em nada se assemelham à neutralidade da abordagem semiótica. Por outro lado, o que está em questão, para o filósofo, é justamente o fato de a abordagem científica ser vítima do efeito de neutralidade decorrido do próprio signo, aqui depreciado, do trato envolvente

com os entes, quer dizer, da "visão circunspectiva da referência" sempre presa a uma finalidade. A preocupação com os processos de codificação, na semiologia, seriam um reflexo dessa limitação ôntica: não toca na dimensão ontológica do ser-do-ente nem na linguagem enquanto lugar onde essa dimensão mesma se faz presente.

Por isso, para retornar a um pensamento sobre a linguagem que não reflita a decadência da concepção que sobre ela se encontra, é preciso, como ocorria em Heráclito, fazer "a experiência do Ser como junção e Physis, e porque se conhece a palavra em seu dizer como modo fundamental da escuta de Ser, o próprio dizer pode e deve ser concebido como a relação de abertura com a unidade da junção, como colher, isto é, como *légein*"<sup>9</sup>. O dizer, *légein*, recolhe o que aparece na abertura e o torna manifesto pela palavra. A escuta do uno, do que está contido na unidade da junção, é fundamental para o dizer, de modo que a escuta (e pensar, noein) e o dito sejam a essência do pensar contendo sempre o que permanece não-dito, e que atravessa o dito ao ser por ele escutado<sup>10</sup>.

Assim, poesia e pensamento dizem a Physis no que ela é em si mesma: tanto surgimento como encobrimento. Podemos formular, a partir dessas passagens, que tanto o dito quanto o não-dito, no poeitar e no pensar, reúnem, pelo Lógos, a coisa, reúnem o que surge da Physis. Não é por acaso que Heidegger afirma que "Physis e Lógos são a mesma coisa"<sup>11</sup>. A reunião das coisas é, nesse seguimento, o Ser, a Physis como totalidade do real<sup>12</sup>, e só se efetiva no Lógos próprio do pensador e do poeta. Assim, o que Cohen chama de *plenitude da linguagem* é, para Heidegger, algo de dimensão bem mais ampla, se se quiser qualificar a importância da poesia: a vigília do poeta na casa do Ser (a linguagem) consome a própria manifestação do Ser no seu dizer<sup>13</sup> ou, em outras palavras: a linguagem do poeta, *a poesia*, diz o Ser, instaura a essência da verdade do Ser, já que ela é a fundação do Ser pela linguagem ao dizer a palavra essencial<sup>14</sup>.

Aqui fica claro a proximidade que a poesia produz entre o signo lingüístico e o referente (da terminologia semiótica) no pensamento heideggeriano: a essência das coisas passa para a palavra da poesia<sup>15</sup>. Naturalmente, vale insistir em esclarecer, não são os entes mesmos, mas sim sua *essência*, a fonte de seu Ser, pois, pela nomeação, o ente se encontra nomeado ao que ele é fundamentalmente, e é assim conhecido *como* ente apenas na linguagem<sup>16</sup>. Portanto, esse 'referente' não está na linguagem em sua existência empírica, mas sim, fundamentalmente, em sua essência, em seu *Ser*. A linguagem cotidiana, a metafísica e o empirismo científico, por outro lado, se afastam do ser-do-ente ao apreender o ente, respectivamente, em sua evidência, no desprezo de sua aparência ou em suas propriedades técnicas.

Na forma como Heidegger diferencia o ser-do-ente do ente em si mesmo, ele considera que a investigação não muda o ente tal como é, pois ela seria apenas "um processo espiritual em nossa alma"<sup>17</sup> e nunca pode afetar o ente que permanece manifesto tal como aparece. Mas o ente é digno de ser investigado na medida em que é questionável em sua possibilidade de não ser o que é e, desta forma, o ente

se manifesta na sua investigabilidade como seu próprio Ser<sup>18</sup>, seja nas questões do pensamento que o interrogam, seja no dizer da poesia que o desvela.

É no *Ser e Tempo*, todavia, que esse problema é mais explorado. Na seção 44, Heidegger toca num aspecto do problema do signo sem, contudo, desenvolvê-lo: "um sinal assinala para o assinalado. Assinalar é uma relação entre o sinal e o assinalado mas não uma concordância<sup>19</sup>, quer dizer, não é uma relação de verdade enquanto adequação, tal como a verdade é pensada para a tradição metafísica. Depois que analisa os membros da relação de assinalamento, ele passa a abordar a separação entre o real e o ideal mostrando que o conteúdo ideal do juízo se acha numa relação de concordância com o objeto que julga. Aqui, importa mais o julgamento do objeto do que ele em si mesmo. Mas quando uma proposição diz o que se passa no real, não se trata nem de julgamento, nem de representação psíquica de uma "imagem" da coisa real, mas sim de uma demonstração daquele ente. O que se propõe para o proposto é, então, um ser para a própria coisa que é, um ser-descobridor<sup>20</sup>, aquele que confirma o ente na modalidade de sua descoberta. Assim, é através desse ser-descobridor que o ente se mostra em si mesmo, confirmando-se.

Portanto, torna-se clara, em várias passagens (e nem pretendemos aqui exauri-las), que a linguagem, como Lógos, descobre o ente em seu desvelamento. Pertence ao Lógos a verdade dos entes que desvela-lhes seu Ser a partir do próprio Ser da linguagem, que, por ser descobridor, só descobre fundamentalmente na poesia. Ela comporta, por conseguinte, a essência do ente por ser a essência da linguagem.

#### Apelo da nomeação

Resta agora entender como o poesia se constitui como essência da linguagem.

Na contracorrente do fluxo da *doxa* (linguagem cotidiana), da *idéa* (metafísica) e da *tekné* (ciência da técnica), ao re-dimensionar a relação dos nomes entre eles mesmos e do nome com o nomeado, a poesia desmonta os alicerces da realidade instituída e inaugura sua própria realidade. Como sua realidade é a da linguagem, e a linguagem é a morada do Ser ("Ser" pode ser entendido aqui, também, como o real emergente da Physis), a realidade da poesia é o fundamento do real, a abertura do mundo. Torna-se necessário desenvolver melhor essa operação de redimensionamento analisando com mais cuidado (sem pretender ser exaustivo) a diferença da existência unidimensional da fala cotidiana e da hipercodificação do discurso científico frente à abertura da poesia.

Para a semiologia literária, o texto poético opera na potencialidade virtual do nome enquanto significativo, onde a arbitrariedade do signo impera<sup>21</sup>. Mas o *nome*, segundo Heidegger em *O poema*, é o que diz, o que mostra *abrindo*, apreendendo e guardando esta abertura em sua presença. O *nomen* latino, derivado da *gnósis*

grega, segundo sua raiz "gno", quer dizer *conhecimento*. Não segundo a metafísica, que entende conhecimento a partir da noção de verdade como exatidão da representação, mas como o nome que diz o que as coisas são, deixa-as ser o que são<sup>22</sup>. Mas como conhecer o nomeado, se, ao dizê-lo, o nome diz ao longe, se afasta da proximidade do que se diz? Ao dizer de longe, o nome torna-se *apelo*. Só se apela para o que se está distante, por isso, o nome distancia-se do nomeado e o obscurece, vela a evidência do nomeado na demonstração de seu Ser. Só assim o longínquo se abre como longínquo, recolhido no dizer do poeta<sup>23</sup>.

Esse jogo de alternância, sobreposição e simultaneidade entre velar/desvelar, abrir/guardar, surgir/encobrir, aproximar/afastar torna a relação do nome com o nomeado bem diversa do conceito de arbitrariedade do significante em relação ao significado (diz Saussure que um não tem nenhum laço natural de realidade com o outro, o que faz pensar que ele ainda confunde significado com referente<sup>24</sup>, enquanto Heidegger sobrepõe Lógos e Physis).

É uma disposição cuidadosa dos nomes, emitindo o apelo ao que se fez distante, que condensa a essência da linguagem no seu ditado, na voz emitida no dito e no silêncio que se aloja no dizer atrás do dito e o faz com que a voz se supere a si mesma em canto, faz com que a linguagem poética supere a língua normativa na efetivação da emergência do mundo. A qualidade do poeta é sua capacidade de deixar manifestar em seu dizer e unicamente através de seu dizer o que não é dito da mundaneidade.

Não é a negatividade do desvio, constitutiva da significação poética, que promove a densidade de sentido, como diria Cohen (mesmo a "negatividade" seja um momento da posterior afirmação de um novo sentido para tal teórico), mas, ao contrário, a aparente aparição de irreal na linguagem poética é justamente a origem de sua abertura fundamental, é o que a faz ser o próprio real no que o poeta assume na base firme e fixa da essência da poesia como fundação<sup>25</sup>.

Transparecer o indizível no dito assumido é responder à necessidade do sagrado. O pensar poético é aquele que realmente se abre ao mundo, ao não-nomeado do mundo que brilha no ápice de significabilidade do poeitar. O não-nomeado do mundo é o que se apresenta quando o poeta nomeia o sagrado além do mundano já evidenciado.

Ele toma do apelo da nomeação sua própria qualidade originária, dirigindo-se aos deuses (como o faz Hölderlin), dirigindo-se ao sagrado e nomeado-o.

A poesia nomeia o sagrado porque a nomeação é sempre pressionada pela necessidade do sagrado. O nome vela o sagrado ao nomeá-lo, mas o poeta, re-nomeando o sentido e re-significando os nomes, abre o sentido do ser-em-presença no tempo do discurso poético, em sua operação de velamento/desvelamento oscilante e ininterrupta. Nesse dinamismo temporal de uma compreensão originária, a poesia emerge como pensamento fundante no poeitar, no ditar, na voz que sempre

advém ao mundo. Aí se desvela a presença do Ser como advento quando o poeitar expõe a pre-sença "teatralizando" o ser-aí no sentimento trágico de antecipar a morte na linguagem sem nunca ser experimentada, mas sempre a tendo presente como possibilidade intransponível. Habitar na linguagem é essencializar-se como ser histórico, como ser-para-a-morte.

Inclinamo-nos a pensar com o filósofo que *quem diz o não-dito na poesia é o vigor da angústia no ser-para-a-morte do poeta*.

O poeta arrisca sua inocência (de coração puro diante do perigoso fogo divino, como diz Hölderlin) no seio da finitude temporal do homem, experimenta e faz experimentar o abismo do nada, conjugado com o lugar sem fundo da produção artística inaugural, que inaugura o sentido. No sumo do mais perigoso dos bens (a linguagem), o poeta age (poiésis) com uma inocência que estende os horizontes de sua inspiração, do dom sagrado concedido pelas forças misteriosas que nunca se revelam, ou só se revelam na medida em que o homem se inocenta não apenas no sentido moral, mas no existencial. Como o pensamento poético não articula saber, tal inocência se dá por que o poeta é aquele que lida com o não-saber, território do desconhecido que vive no conflito da vontade com o imprevisto.

Ao atravessar esses obstáculos para a fundação de sua própria ação, para o fundamento de qualquer agir, o poeta faz da dificuldade um alimento de potencialização; desse retrair-se do mistério do mundo, o poeta é atraído pelo mundo, pelo que está em aberto ao se maravilhar (*thaumádzo*), mergulhado na plena inocência e "ignorância", habitando na onipresença do real (Physis)<sup>26</sup>. O ato poético funda a verdade de seu Ser, a verdade de sua vontade, em que vontade ilumina verdade e vice-versa, numa reciprocidade vigorante da fundação criativa (efeitos da leitura de Heidegger sobre Nietzsche, distanciando-se, entretanto, da centralidade que o conceito de vontade ocupa no dionisismo).

### Poesia e abertura do mundo

Essa visão ontológica inaugural de uma tentativa de dar nova origem para filosofia mostra, na medida mesma de sua diferença em relação às outras teorias da poesia, que tem muito a contribuir na atual leitura do texto poético. O poeta renuncia ao ente estabilizado assumindo a mais alta liberdade de fundar o Ser pela palavra e na palavra<sup>27</sup>. Portanto, não é o real propriamente dito que está em jogo. Mas, numa perspectiva mais ousada, é a fundação do Ser, da totalidade do real, que é feita pela aparente ocupação inocente do poeta. Essa valorização extrema do fazer poético, obscurecido pela metafísica e pelo utilitarismo técnico capitalista, dignifica a poesia com raro vigor, ao se comparar com as várias abordagens atuais.

Além do mais, a noção de *abertura*, inerente a relação primordial da poesia com o sagrado, entendido como a própria experiência artística aberta ao imprevisto, constitui não só o poder da poesia na realidade do homem, mas, num horizonte mais extenso, concebe o conceito de mundo de forma mais rica, justamente por só

poder tornar-se mundo advindo *pela poesia*. Assim, é o mundo que é dignificado pela poesia, antes de o ser o inverso. *Não há separação entre palavra e coisa, entre linguagem e mundo, na fundação do Ser*. Esse tipo de indistinção é muito discutível, mas talvez, por isso, mereça uma reavaliação de sua positividade mesmo em posição de discordância.

### Notas

<sup>1</sup> Não estamos levando em conta a abordagem sociológica, marxista, histórica e a culturalista que daí se seguiu. Mas, com algumas exceções, constatamos que tais exemplos raramente se detêm no texto, dando mais prioridade ao que ele se refere do que a sua constituição.

<sup>2</sup> COHEN, Jean. *A plenitude da linguagem. Teoria da poeticidade*. Coimbra: Almedina, p. 143.

<sup>3</sup> COHEN, Jean. *Ibid.* p. 143.

<sup>4</sup> HEIDEGGER, Martin. *Ibid.* p. 155.

<sup>5</sup> ECO, Humberto. *O signo*. Lisboa: Editorial Presença, 1985, p. 24.

<sup>6</sup> É necessário dizer que, embora o signo seja visto aqui como o representante lingüístico, esta palavra, entre várias acepções, é entendida como a categoria que se aplica a qualquer representante: símbolo, índice, sinal, emblema etc. Por outro lado, há diversas classificações de signos: os que se diferenciam pela fonte, pelo grau de especificidade signica, pela intenção, pelo aparelho receptor humano, pelo significado, pela replicabilidade do significante, pelo comportamento do destinatário e, por fim, pela ligação com o referente. Baseamo-nos na síntese de ECO, Humberto. *Ibid.* p. 31-67.

<sup>7</sup> HEIDEGGER, Martin. *Introdução à metafísica*. Trad. E. Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969, p. 59.

<sup>8</sup> NUNES, Benedito. *Passagem para o poético. Filosofia e Poesia em Heidegger*. São Paulo: Ática, 1986, p. 74-5. HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo. Parte I*. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 103-159.

<sup>9</sup> HEIDEGGER, Martin. *Heráclito: a origem do pensamento ocidental: lógica: a doutrina heraclítica do lógos*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998, p. 188.

<sup>10</sup> HEIDEGGER, Martin. *Ibid.* p. 190.

<sup>11</sup> HEIDEGGER, Martin. *Introdução à metafísica*. Trad. E. Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969, p. 155.

<sup>12</sup> HEIDEGGER, Martin. *Approche de Hölderlin*. Paris: Gallimard, 1996, p. 69.

<sup>13</sup> HEIDEGGER, Martin. *Sobre o humanismo*. Trad. E. Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967, p. 24-5.

<sup>14</sup> HEIDEGGER, Martin. *Ibid.* p. 52.

<sup>15</sup> HEIDEGGER, Martin. *Ibid.* p. 53.

<sup>16</sup> HEIDEGGER, Martin. *Ibid.* p. 52.

<sup>17</sup> HEIDEGGER, Martin. *Introdução à metafísica*. Trad. E. Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969, p. 57.

<sup>18</sup> HEIDEGGER, Martin. *Ibid.* p. 58.

<sup>19</sup> HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo. Parte I*. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 283.

<sup>20</sup> HEIDEGGER, Martin. *Ibid.* p. 283.

<sup>21</sup> Não há espaço aqui para diferenciar a riqueza de abordagens diversas, e a complexidade interna de cada uma. Então, no momento, adoto a fonte saussureana, de onde (além de Pierce) a semiologia desenvolveu boa parte de sua base metodológica.

<sup>22</sup> HUHNE, Leda Maria de Miranda. *O sentido hermenêutico da poesia*. Rio de Janeiro, 1986. 199p. Dissertação de Mestrado em Filosofia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, p. 137.

<sup>23</sup> HEIDEGGER, Martin. *Approche de Hölderlin*. Paris: Gallimard, 1996, p. 248-51.

<sup>24</sup> SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1969, p. 83.

<sup>25</sup> HEIDEGGER, Martin. *Ibid.* p. 57.

<sup>26</sup> HEIDEGGER, Martin. *Approche de Hölderlin*. Paris: Gallimard, 1996, p. 69.

<sup>27</sup> NUNES, Benedito. *Passagem para o poético. Filosofia e Poesia em Heidegger*. São Paulo: Ática, 1986, p. 267.